

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

SANDRA MARA DA CRUZ

**AS MINAS DE FLUORITA EM MORRO DA FUMAÇA: UM OLHAR SOBRE O
TRABALHO MINEIRO E O COTIDIANO FAMILIAR**

**CRICIÚMA - SC
2014**

SANDRA MARA DA CRUZ

**AS MINAS DE FLUORITA EM MORRO DA FUMAÇA: UM OLHAR SOBRE O
TRABALHO MINEIRO E O COTIDIANO FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a MSc. Lucy Cristina Ostetto

CRICIÚMA - SC

2014

SANDRA MARA DA CRUZ

**AS MINAS DE FLUORITA EM MORRO DA FUMAÇA: UM OLHAR SOBRE O
TRABALHO MINEIRO E O COTIDIANO FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado e Licenciatura do Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 01 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a MSc. Lucy Cristina Ostetto – (UNESC) - Orientadora

Prof^a MSc. Elisangela da Silva Machieski (UDESC) - Examinadora

Prof^o Dr. João Henrique Zanellato (UNESC) - Examinador

Dedico esse trabalho, a minha mãe, meu pai (*in memoriam*), a toda minha família, a professora Gladis, e em especial as famílias mineiras das minas de fluorita.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por ter me dado forças para chegar até aqui.

Quero agradecer aos entrevistados que abriram seus lares e tiraram uma hora, até mesmo à tarde, e compartilharam-me suas histórias, sem a disposição dos mesmos que não mediram esforços para contribuir com pesquisa, esse trabalho não teria sido realizado. Foram muitas as vezes que foi necessário retirar dúvidas, analisar fotografias e todos mostraram-se, sempre, muitos gentis.

Muito obrigado a Dona Maria Dozol Alexandre e ao seu Pedro Francisco Alexandre pelos cafezinhos e os convites de volte sempre, fui até adotada como neta. Dorizalda Roqui Smieleski que mesmo com lembranças tristes, abriu sua porta e criou expectativas a respeito do trabalho, ao ponto de querer locar um transporte para juntamente com outros membros da comunidade a assistir a defesa do estudo. Com muito carinho agradeço ao Erivaldo João Fabro que me levou conhecer as minas, sempre que precisava estava disposto a ajudar, qualquer dúvida que surgisse poderia contar com seu apoio. Senhor Enivaldo gostou tanto da pesquisa que chegou a comprar um livro de história caso precisasse me ajudar. Enfim, agradeço a todos que contribuíram para essa construção, assim como: ao senhor Vercenei Luiz Camargo, dona Maria Salete Costa, senhor Valdir Costa, dona Ignês Frassom Padoim, dona Maria Pelegrim Maragno, senhor João José Souza, senhor Pedro Nunes, dona Maria Izidia da Silva, senhor Arino Borges, senhor Aderbal João Pereira e ao senhor Valmir Freitas.

Quero agradecer a minha querida orientadora a professora Lucy Cristina Ostetto, pelo carinho, dedicação, paciência, sabedoria. Pelo seu incentivo que foi fundamental para a realização dessa pesquisa. No final do ano passado ganhei uma agenda sua, ela me disse assim: “- leva onde tu fores, deixa sempre com você, tudo o que você tiver de ideia anote, caso você estiver dormindo e surgir algo anota tudo.” No final do primeiro semestre desse ano, ela me chamou e olhou pelo canto dos óculos, já sabia que vinha bronca. “Dona Sandra Mara quero que você comece fazer as entrevistas”. Ao começar ao ponto de me pedir que interrompesse as entrevistas pela extensão de materiais. A cada entrevista realizada, a cada fato novo, mandava mensagem para ela, vibrando. A Lucy acompanhou cada passo desse trabalho, cada dia me estimulava a pesquisa. Não tinha dia, hora sempre que precisei estavas

disposta a auxiliar-me, seja pessoalmente, por mensagem, por e-mail e até whatsapp. Obrigado pelos presentes e sua presença.

Agradeço a pessoa que fez eu chegar até aqui, você minha querida, amada mãe, que sozinha criou seus três filhos, ensinando nos sempre ter dignidade e caráter, que não mediu esforços para a realização dessa conquista. Que soube compreender os momentos em que a gente mal podia se falar.

Quero agradecer a toda minha família, em especial aos meus irmãos Sonia Mara e Fernando Henrique Rovaris, os quais sempre tiveram muito orgulho de mim. E, em especial ao meu sobrinho Vitor Marcelo Martins.

Ao meu namorado, pelo carinho, amor, compreensão, pelas vezes que emprestou seu ombro para eu chorar, quando batia um desespero era tanto, que parecia que não iria dar conta. Sempre estava disposto a me acompanhar na realização das entrevistas ou a qualquer outro lugar que precisasse. Agradeço pelas vezes que você soube me compreender e abria mão dos nossos finais de semana, para que eu pudesse dedicar-me aos estudos. Realmente você provou que me ama.

Serei eternamente grata a minha querida, amada professora Gladisleine da Silva, que sempre me incentivou a cursar um curso na Universidade e a sonhar com dias melhores. Sei que posso contar sempre com seu apoio.

Não posso esquecer-me dos meus amigos, Jhonata Pereira Carrara pelo seu incentivo mesmo tendo que aprender a viver com minha ausência. A minha amiga Inês pelo carinho e dedicação. Assim como minha e amiga e chefe Déia que sempre que precisei ausentar-me para estudar soube compreender.

A todos os professores que contribuíram para a minha aprendizagem.

Enfim agradeço a todos que me apoiaram esses anos e acreditaram no meu propósito de vida, não posso citar todos se não daria umas 50 páginas. Mas cada um sabe da sua importância em minha vida e no decorrer dessa caminhada.

“A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada.”

Agnes Heller

RESUMO

Numa perspectiva da História Cultural, esta pesquisa tem como tema: as minas de fluorita em Morro da Fumaça: um olhar sobre o trabalho mineiro e o cotidiano familiar. Objetivou-se analisar o papel de homens e mulheres na Vila Operária compreender o trabalho mineiro e as relações de dependência, estabelecer relações e as práticas sociais do cotidiano, bem como o papel das mulheres na Vila. Utilizou-se a história oral como metodologia. Trabalhou-se ainda com recortes de jornal, fotografias e boletins da DNPM. Concluiu-se que falar dos mineiros no trabalho das minas e das relações entre a mineradora e a família mineira ultrapassava as minas e estava presente no seu cotidiano da vila, envolvendo toda a família. Quanto as mulheres eram vistas, perante a comunidade como donas de casa e responsáveis pela criação dos filhos, entretanto, elas contribuíram com as atividades na mineração, sua presença podia ser notada na organização e manutenção das famílias mineiras. Esse estudo foi importante por ser o primeiro a abordar os trabalhadores das minas de fluorita e o dia a dia da família mineira, numa perspectiva cultural.

Palavras - chave: Mina Fluorita. Trabalhadores. Cotidiano.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Primeiro pavilhão da mina, Nossa Senhora do Carmo.	19
Figura 2 - Primeiro poço, aberto a pá e a picareta, da mineração Nossa Senhora do Carmo.	21
Figura 3 - Casas fornecidas pela mineradora Nossa Senhora do Carmo.	34
Figura 4 - Observe ao fundo detalhes das casas das famílias mineiras.	36
Figura 5 - Time de futebol da mineração Nossa Senhora do Carmo.....	40
Figura 6 - Time de futebol dos engenheiros do grupo Votorantim.	41
Figura 7 - O time de futebol Fluorita Esporte Clube, jogou com o Metropol.	41
Figura 8 - Os mineiros Pedro Nunes, Vilson Casagrande e Antônio, na festa religiosa na capela Santa Catarina.	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS TRABALHADORES DAS MINAS DE FLUORITA EM MORRO DA FUMAÇA	14
2.1 OPERÁRIOS E PATRÕES: MÚLTIPLAS RELAÇÕES	28
3 A VILA E A MINA ASPECTOS DO COTIDIANO	31
3.1 CASAS	33
3.2 ÁGUA	36
3.3 VALE ALIMENTAÇÃO E MATERIAL ESCOLAR	37
3.4 FUTEBOL.....	38
3.5 MISSAS, FESTAS	42
3.6 COTIDIANO DAS MULHERES NA VILA.....	46
4 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE (S).....	53

1 INTRODUÇÃO

O município de Morro da Fumaça localiza-se na parte leste da região Carbonífera. Em 1950 é descoberto a fluorita¹ em Santa Catarina. No ano 1961 é descoberto o mais importante filão de fluorita, Segunda Linha Torres, localizado no município Morro da fumaça. Praticamente toda produção Nacional de fluorita provinha de Santa Catarina, sendo 50% da produção do estado derivava do município de Morro da Fumaça. À medida que a exploração do minério foi aumentando, foi necessária contratação da mão de obra, dessa forma a força de trabalho das minas foi se constituindo por grande maioria de agricultores locais e trabalhadores vindo das olarias. Para suprir à mão de obra necessária as mineradoras começaram a criar estratégias para seduzir o empregado. Dessa forma, migrantes de praticamente toda região e até mesmo de outros estados compuseram o cenário das minas de fluorita. Formando aos poucos uma pequena vila operária ao redor das minas. Passou a ser conhecida essa vila operária como Mina Fluorita que impregna o nome até hoje.

Com o início da exploração das minas de fluorita em Morro da Fumaça, Segunda Linha Torres, Estação Cocal, a paisagem geográfica e social aos poucos foi assumindo novas formas e cenários, o espaço rural modificando-se estrutura urbana e industrial.

Muitos trabalhos já foram escritos sobre as Minas de Fluorita, localizado em Morro da Fumaça, no campo de geologia, engenharia ambiental e saúde. Na área da história não foi encontrado nenhum trabalho até esse momento a respeito. Esse trabalho é importante por ser o primeiro a discutir cotidiano das famílias mineiras do campo da história, na comunidade Mina Fluorita, em Morro da fumaça.

A temporalidade que foi escolhida para a realização dessa pesquisa foram às décadas de 1960 a 1990. Utilizaram-se entrevistas, objetivando analisar por meio de depoimento oral o papel social de homens e mulheres, as práticas cotidianas, o trabalho exercido fora de casa e a contribuição financeira, como era o momento de lazer das famílias mineiras. Bem como recorte de jornais e boletins da DNPM.

¹A fluorita foi muito usada pelos antigos egípcios, quando esculpam suas estatuas, os chineses ainda usavam como pedra da sorte seu amuleto, protegendo contra a magia negra. A fluorita é um mineral composto de cálcio e flúor. É utilizada nas indústrias farmacêuticas, no creme dental, alumínio, na cerâmica, nas metalúrgicas também é usada para utilizações ópticas, fabricação vidro, refrigerante, na produção ferro e aço.

Tendo como questões norteadoras: Como foi a descoberta da fluorita em Morro da Fumaça? Como a mão de obra foi sendo formada, de onde esses trabalhadores vieram para compor o trabalho na mineração? Como foi constituída a Vila Operária? Como as relações de dependência foram estabelecidas? De que forma a mineração fazia-se presente no cotidiano das famílias mineiras? Como era o dia a dia da família mineira? E qual era o papel das mulheres na Vila?

Numa perspectiva da Nova História Cultural, com uma abordagem do cotidiano das famílias mineiras, descrever a vila, não apenas como um espaço pensado e articulado pelo capitalismo, mas sim percebendo-a a partir das relações com a mineração e o espaço familiar. Nossa linha de pesquisa é com a história local.

A Nova História, o surgimento da terceira geração nos Annales a partir da década 1970, trouxe um leque de possibilidade de fazer-se a história. Intensificou-se de temas como: família, cotidiano, gênero, relações sócias entre outros. Isso por quê:

[...] O grupo ampliou o território da história por diversas áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas a descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligada ao estudo da humanidade, da geografia a linguística, da economia a psicologia.²

Sendo assim, essa pesquisa foi embasada teoricamente na Nova História, terceira geração dos Annales, o que permitiu o uso da história oral. Foram realizadas em torno de quinze entrevistas, no período entre mês de setembro de 2013 a agosto de 2014.

Cotidiano é entendido o dia a dia, como algo que envolve monotonia e repetição. Ele ainda pode ser o lugar de mudança, podemos considerar como práticas exercidas, trabalho, resistência, religiosidade, amores, lazer, vida familiar, relações com a vizinhança, brigas, fofocas, festas, namoros, domingueiras. Cabe aqui algumas considerações a respeito do cotidiano.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o

²BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. 2ed. São Paulo: Unesp, 2010, p.143.

peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho que a nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados. Não se deve esquecer este 'mundo-memória', segundo a expressão de Peguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja útil sublinhar a importância do domínio desta história 'irracional', ou desta 'não história' como diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador o cotidiano é o invisível.³

Os historiadores da Nova História, partir de 1970 começaram a utilizar a memória como fonte, “quando os historiadores começaram a se apossar da memória como objeto da história, o principal campo a trabalho foi à história oral.”⁴ A memória não é só individual ela também é coletiva, o tempo todo a memória se cruza com passado, presente e futuro. Às vezes deparamos com as lembranças e esquecimentos. Ela por sua vez, ultrapassa o tempo, por meio de relatos, experiências individuais e coletivas. Nessa perspectiva ela torna-se uma fonte para o pesquisador dar vida a seu objeto pesquisado.

[...] A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.⁵

Esse estudo foi estruturado a partir de dois capítulos. No primeiro capítulo, '*Os trabalhadores das Minas de Fluorita em Morro da Fumaça*' será contextualizado a descoberta da pedra fluorita no Município de Morro da Fumaça, a constituição da mão de obra, a formação da Vila Operária, também será analisado os boletins da DNPM e a quem era os donos das minas. Subtítulo, '*Operários e Patrões: Múltiplas Relações*' será analisado o processo de constituição dos trabalhadores das minas de fluorita, relações entre patrão e empregado que irão ultrapassar as minas. Nesse primeiro momento foram utilizados os autores: Bosi (1999), Le Goff (2003), Zanelatto (2011), Thompson (1987), Chalhoub (2001),

³CERTEAU, Michel; GIARD, Luci; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano, 2 morar cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 31.

⁴SILVA, Kalina Vanderlei; MACIEL, Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2009, p. 276.

⁵BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 47.

Goulart (org) (2004), Volpato (1984), Rago (1997) e Marques (2004).

O segundo capítulo, '*A vila e a mina aspectos do cotidiano*', esse segundo capítulo será analisado o cotidiano das famílias mineiras, a presença das mineradoras no dia a dia das famílias mineiras. Subtítulo: '*Casa*' consistir em descrever as casas fornecidas pela mineradora, e as construídas pelos mineiros. '*Água*', fornecida pela mineradora para toda vila operária; '*Vale Alimentação e Material Escolar*', o vale alimentação servia para contribuir com as despesas alimentícias de toda família, o material escolar era um kit fornecido no início do ano para os filhos dos mineiros; '*Futebol*' paixão dos mineiros, diversão preferidas nos momentos de lazer, ia além de um jogo era momento de encontro, namoro, briga, torcida; '*Missas, Festas*', os domingos eram dias sagrados para ir a missa, festas religiosas, as quais reunia toda comunidade, era momento de paquera, diversão, festa organizadas pela empresa era muito esperada, pois levava toda família, proporcionavam a confraternização com as famílias, além dos sorteios de brindes; '*Cotidiano das Mulheres na Vila*', papel atribuído as mulheres, contribuição delas com as despesas domésticas. Autores utilizados: Rago (1997), Ostetto (2014), Certau (1997), Zola (1981), Costa (199-2006), Carola (2002), Bachelard (1993), Perrot (1992), Scott (2013), Chalhoub (2001) e Bosi (1999).

No trabalho constam ainda as considerações finais e as referências.

2 OS TRABALHADORES DAS MINAS DE FLUORITA EM MORRO DA FUMAÇA

Esse capítulo tem como objetivo contextualizar o surgimento das minas de fluorita, as relações entre patrão e empregado que ultrapassam a mina. Na década 1960 a 1990 na comunidade da Segunda Linha Torrens município Morro da Fumaça.

Monsenhor Agenor Neves Marques em sua obra ‘Histórias de Urussanga’ aponta Morro da Fumaça como a capital da fluorita. Segundo Marques “um jovem município que começa a escrever sua história no cenário nacional, em ritmo acelerado do progresso agraciado pela natureza teus ricos tesouros são: a argila, a fluorita são uma garantia para um futuro promissor.”⁶

Segundo Marques:

[...] Estrada de ferro Tereza Cristina duas longas vilas de vagões um com o dorso enegrecido de pedras escuras e outra igualmente interminável, com o dorso embranquecido de pedras luzidias, adivinha logo que a primeira vem de Criciúma, capital do carvão, e a segunda de Morro da Fumaça, capital da fluorita.⁷

Desta forma, muitos questionamentos foram aparecendo no decorrer das leituras, assim como ao iniciar a busca por informações de antigos funcionários descobri que praticamente todas as famílias que ainda residem no local e trabalharam nas mesmas, boa parte desconhecia que Morro da Fumaça era a capital da fluorita. Hoje, boa parte da região sul, não tem conhecimento de tal título como não há nenhum monumento relacionando aos mineiros ou até mesmo a fluorita. No entanto o mineiro é exaltado no hino do município, escrito pelo padre Monsenhor Agenor Neves Marques, em 1962. Traz-se agora uma parte dele:

[...] Na riqueza do teu subsolo
Teu tesouro é a rósea fluorita
 Teus preciosos e ricos tesouros
 No teu seio são fonte infinita.
 {Estrilho}
 Os vagões da Tereza Cristina
 Coleando um imenso cordão
 Vão levando ao Brasil e ao mundo
A riqueza que nasce em teu chão.
 {Estrilho}
 [...] És a pedra onde brilha o amor.

⁶MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga, SC: Câmara Municipal, p.187.

⁷MARQUES, op. cit., p. 182.

Assim novos questionamentos foram levantados: Quem descobriu a fluorita em Morro da Fumaça? Como foi aberta a primeira Mina? Quem eram seus trabalhadores? De onde vieram? Como era o processo de garimpagem? Como se dava a segurança dos trabalhadores? Como se deu o processo de constituição da vila operária Mina Fluorita? De que forma as relações de dependências entre trabalhadores e as minas foram sendo estabelecidas?

Segundo as informações de Bevilacqua, a mineração da fluorita teve início à Inglaterra em 1779 e nos Estados Unidos 1820 a 1840. No entanto a primeira produção de importância foi obtida entre 1888 a 1900 devido ao desenvolvimento da indústria de aço. De lá para cá, “a demanda de fluorita tem crescido constantemente devido, em parte, ao crescimento da indústria do aço e, por outro lado devido diversificação de seus empregos nas indústrias químicas, do alumínio, cerâmica e ótica.”⁸

Em Santa Catarina a fluorita foi descoberta em 1950. E em 1961 é descoberto o mais importante filão de fluorita na localidade da Segunda Linha Torres (atual Mina Fluorita), localizada no município Morro da Fumaça. Neste período, praticamente toda produção Nacional de fluorita provinha de Santa Catarina, sendo que 50% era extraído das minas localizadas no município de Morro da Fumaça.

O geólogo Putzer em 1953 faz o primeiro comunicado científico da descoberta da pedra fluorita na localidade de São Pedro, “em 1956 iniciou-se a exploração do filão denominado São Pedro localizado ao norte do balneário do mesmo nome”⁹ Bevilacqua conta como a fluorita foi descoberta na região e despertou interesse:

[...] Uma das mais antigas ocorrências da época localizava-se junto a fonte termal do Balneário São Pedro, no atual município de Pedras Grandes, e que segundo moradores da região atraía muitos banhistas que lá chegavam principalmente pela sua coloração. Esta ocorrência passou a despertar interesses econômicos entre os anos de 1955 e 1956 quando foi analisada e identificada por um autodidata de Urussanga que possuía um guia para determinados minerais. Objetivando lavrar esta ocorrência foi fundada a mineração São Pedro Ltda.¹⁰

⁸BEVILACQUA, Clovis Tadeu. **Perfil analítico da fluorita**. Rio de Janeiro: DNPM, 1973, p. 01.

⁹LIBERATORE, Giacomo; BICCA, Victor Hugo Froner. **Fluorita em Santa Catarina**. Florianópolis: DNPM, 1988, p. s/p.

¹⁰BEVILACQUA, 1973, op. cit., p. 03.

A busca foi iniciada, em livros algo que estivesse escrito a respeito da fluorita na Segunda Linha Torrens e foram encontrados alguns boletins perfil analítico da fluorita, contêm várias informações sobre do perfil analítico da fluorita no Brasil e principalmente em Santa Catarina.

O primeiro boletim encontrado foi elaborado por Clovis Tadeu Bevilacqua é um geoquímico, '*perfil analítico da fluorita. Rio de Janeiro: DNPM*' em 1973. Tinha como finalidade detalhar aspectos da fluorita em Santa Catarina, especialmente no município de Morro da Fumaça em Segunda Linha Torrens. Com base na história da fluorita e a sua utilização pelos povos gregos, romanos. Focando os estudos na localização das melhores jazidas em Santa Catarina, como se dá a segurança dos mineiros, a utilização da mão-de-obra local, o valor dos transportes e os métodos de lavra.

O segundo boletim de acesso, elaborado por Giácomo Liberatore, um geólogo, juntamente com Vitor Hugo Bicca Froner no boletim não consta sua profissão, mas acreditamos que seja geólogo ou geoquímico. Neste boletim intitulado '*Fluorita em Santa Catarina. Florianópolis: DNPM, 1988*' apresentava o perfil da fluorita no Estado de Santa Catarina, especialmente o Distrito Fluorítico localizado no município de Morro da Fumaça, distrito Estação Cocal situada as minas, na Segunda Linha Torrens (atual Mina Fluorita), onde abordava temas como: a descoberta da fluorita em Santa Catarina, Segunda Linha Torrens, a importância do distrito Fluorítico, pois além de serem consideradas as melhores jazidas do Brasil, as mesmas representavam 50% da reserva brasileira, os métodos utilizados na lavra, utilização do minério nas indústrias químicas, juntamente com informações dos proprietários das três minas existentes na Segunda Linha Torrens e as reservas do minério .

E também a exemplo de Marques, apontam o município de Morro da Fumaça como a capital da Fluorita. Liberatore diz que:

[...] A fluorita foi descoberta no Estado de Santa Catarina provavelmente em 1950, na localidade denomina Bom Jesus, hoje município de Armazém. Coube ao geólogo H. Putzer em 1953 o primeiro pronunciamento científico da descoberta. Em 1956 iniciou-se a exploração do filão denominado São Pedro localizado ao norte do balneário do mesmo nome. No ano de 1958 foi descoberto o filão de Ribeirão da Areia, no atual município de Pedras Grandes. No início da década de sessenta foi descoberto o mais importante filão de fluorita, o da Segunda Linha Torrens, no município de Morro da Fumaça, onde se localizam as principais minas e usinas de beneficiamento deste mineral. [...] Desde então, intensas campanhas de pesquisas,

prospecção e mapeamento geológicos realizados pelo DNPN e grupos privados redundaram no melhor conhecimento no distrito de fluorita, proporcionando o surgimento de novos fazimentos economicamente aproveitáveis.¹¹

Bevilacqua em outro boletim reforça que, “em Morro da Fumaça concentra-se as melhores jazidas e, praticamente 50% das reservas do Brasil. As minas mais produtivas do Brasil e que são responsáveis por mais de 80% da produção, situam-se em Segunda Linha Torrens.”¹²

Savi (2004) aponta que “o estado de Santa Catarina desempenha um papel fundamental no setor mineral do sul do Brasil com destaque a mineração do carvão é importante observar também que em uma faixa da região sudeste do estado destaca-se a produção de fluorita.”¹³

Em função de a fluorita ter sido descoberto no município de Águas Mornas, Balneário São Pedro. Localidades próximas como a Segunda Linha Torrens e Estação Cocal começaram a ter um interesse e a procurar por essa pedra, pois já sabiam da importância e do seu valor comercial.

Alberto de Bona Sartor morador da Segunda Linha Torrens, ‘sentiu-se enfeitado pela procura de jazimento de fluorita que tiveram suas descobertas no início da década de 50 naquela região’¹⁴ dona Dorizalda nos conta que foram anos escavacando para ver se encontravam a fluorita.

Meu marido era bem amigo do Sartor e daí começaram a cavar com a pá cavando, cavando para ver se dava certo. Chegou um dia que deu certo, aí começaram a colocar a gaiola, foi uma emoção, magina! Foram quatro empregados que trabalharam anos, ele o Casimiro, o João Polaco para ver se achavam as pedrinhas (risos) cavavam lá no Sartor.¹⁵

Seu Sartor já demonstrava interesse pelo descobrimento da fluorita e por isso “iniciou seus trabalhos de procura nas proximidades de sua residência, a 300 m a oeste do atual filão da Segunda Linha Torrens [...] Era 1958 quando foram

¹¹LIBERATORE, 1973, op. cit.

¹²BEVILACQUA, 1988, op. cit., p.11.

¹³SAVI, Clóvis Noberto. **Caracterização e aproveitamento do rejeito final da flotação de fluorita na localidade de segunda linha Torrens município de Morro da Fumaça/SC.** 2004, Dissertação (Mestrado), p. 01.

¹⁴LIBERATORE, 1973, op. cit.

¹⁵SMIELESKI, Roqui Dorizalda. Depoimento [maio 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo vídeo (36 min). Seu marido trabalhou quatros anos para a descoberta da pedra fluorita. Ele trabalhou trinta e nove anos para o grupo Sartor, quando estava perto de se aposentar morreu na mina de acidente. Ela ficou com duas filhas para criar, diante do acontecido ela começou a trabalhar na fábrica.

encontrados cristais de quartzo, presumindo serem de fluorita.”¹⁶

A maior jazida de fluorita no Estado foi descoberta em 1961 na localidade de Segunda Linha Torrens, no município de Morro da Fumaça. Liberatore nos informa num boletim que “quase um ano depois, é descoberto na propriedade do Sr. Quintino Padoim continuidade do filão detectado na propriedade do Sr. Alberto Sartor e que viria a constituir a futura mina Santa Catarina.”¹⁷

Sabemos ao tratar com a história oral na comunidade que, Vinicius Casagrande estava pescando com seu irmão em um córrego na propriedade de seu Quintino Padoim quando encontrou a pedra fluorita. Assim, Enivaldo João Fabro nos fala como Vinicius Casagrande sabia da importância da pedra.

Antes de eles descobrirem essa mina aqui, já existia aquela mina antiga, lá nas Águas Mornas. Pelo o que eu sei quem me falou foi o Vinicius Casagrande que foi quem achou a fluorita aqui né. Tinha passado por aqui, não sei bem se era um Turco, me parece que era não era brasileiro, tinha passado com um catálogo de pedras preciosas, aí ele reconheceu a fluorita, aí o Vinicius já sabia que era pedra preciosa a fluorita.¹⁸

Com base nessas descobertas de fluorita, Alberto de Bona Sartor de acordo com o boletim escrito por Liberatore (1973), “veio a requerer sua propriedade em 1961. A produção efetiva de fluorita deu-se em 1964 a céu aberto, logo a seguir foi aberto o poço 1 através da mineração Nossa Senhora do Carmo Ltda, detentora da concessão de lavra auferida em 1963.”¹⁹

¹⁶LIBERATORE, 1973, op. cit., p. s/p.

¹⁷Ibdem.

¹⁸FABRO, Enivaldo João. Depoimento [jun 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 (20 min). Em 1985, iniciou a trabalhar na mina Nossa Senhora do Carmo, começou como ajudante de encarregado, depois foi eletricitista ,até hoje trabalha com o grupo Sartor. Levou-me para conhecer as minas.

¹⁹LIBERATORE, 1973, op. cit., p. s/p.

Figura 1 - Primeiro pavilhão da mina, Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora Sandra Mara da Cruz.

Uma forma de também registrar esta história é por meio da memória local, isto porque a memória passou a ser um significativo meio de valorização dos grupos marginalizados pela sociedade. A memória é como um diamante bruto, ela precisa ser lapidada até ser transformada em um lindo adereço, sendo assim:

[...] A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.²⁰

Trabalhar com a memória é trabalhar com as lembranças, às vezes queremos lembrar, às vezes queremos esquecer algo que não foi bom. A memória é seletiva, fica o que significa. Essa pesquisa revisitou o baú das lembranças, algumas emocionantes, felizes outras carregam consigo a dor a perda, a melancolia, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar como imagem de ideia de hoje e a experiência do passado [...]”²¹

²⁰LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003, p. 471.

²¹BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 55.

De acordo com as lembranças do ex-mineiro Valdir Costa, quando foi encontrado a pedra fluorita, “todo mundo saiu a procurar, em todo canto era cavado”²² isso nos remete a procura do ouro em Minas Gerais e em Serra Leoa. A esperança de enriquecer rapidamente. “Eu naquele tempo morava na Vila Rica e passava perto da minha casa um córrego, me lembro de que peguei uma picareta e sai cavando para ver se encontrava.”²³ Enivaldo João Fabro nos dá detalhes da diferença entre a pedra fluorita encontrada nas Águas Mornas com a encontrada na Segunda Linha Torrens:

Ali onde existia essas, nas Águas Mornas, Pedras Grandes, Ribeirão da Areia. Já era ali, eles puxavam com carro de boi, não tinha energia nada mais era pouquinho coisa, se produzia 10, 20 toneladas por mês era muitos. Ai quando descobriram aqui, o filão era por cima da terra né. Ai a produção aumentou, aumentou, ai começaram a produzir bastante tinha mais.²⁴

Seu Pedro Francisco Alexandre nos diz que com o reconhecimento da pedra fluorita, “veio gente de fora para verificar e para por uma solda até embaixo, soldava e vinha tudo pedra fluorita, porque aqui esse nosso lugar é tudo forrado de pedra fluorita, riquíssimo.”²⁵ O que o seu Pedro Francisco Alexandre nos conta é confirmado por Liberatore, “a importância deste potencial de fluorita descoberto no estado despertou o interesse governamental em 1965 quando a divisão de geologia e mineralogia do DNPM passou a estudar as ocorrências [...] realização de sondagens entre 1968/ 70.”²⁶

Com o descobrimento da jazida foi iniciado o processo de extração do minério. Nos primeiros anos os trabalhos da lavra eram realizados a céu aberto, muito parecido com os garimpos, empregados processos rudimentares. Os primeiros poços foram abertos à pá e picareta aproximadamente 50 metros de profundidade. Os métodos de tratamento da fluorita ocorrem partir da escolha manual até a flotação, depois passa pelo processo de lavagem e a separação.

²²COSTA, Valdir. Depoimento [set 2013]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 vídeo (34 min). Começou a trabalhar na mina em meados da década de 1960, sua primeira função mina Nossa Senhora do Carmo foi como quebrador de pedra, passando a encarregado geral e depois foi promovido a gerente, aposentou-se na mina.

²³COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

²⁴FABRO, Enivaldo João. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

²⁵ALEXANDRE, Pedro Francisco. Depoimento [jun 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (36 min). Empregado da estrada de ferro Tereza Cristina. Seus filhos e genros trabalharam nas minas de fluorita.

²⁶LIBERATORE, 1973, op. cit., p. s/p.

Os trabalhos de lavra iniciaram-se a céu aberto, ou por galerias de encosta nos afloramentos descobertos. Era uma lavra predatória e sem uso de técnicas que visava produzir basicamente fluorita tipo metalúrgico [...] O material fina resultante da quebra dos blocos com marreta e que possuía superiores 60 % foi em grande parte desperdiçado ou rejeitado.”²⁷

Figura 2 - Primeiro poço, aberto a pá e a picareta, da mineração Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora Sandra Mara da Cruz.

Três empresas foram responsáveis pela exploração da pedra fluorita, sendo elas: Brasileira de alumínio, do grupo Votorantim, mineração Nossa Senhora do Carmo, do grupo Sartor Ltda e a mineração Floral Ltda, do grupo Bayer, “a participação do grupo Votorantim, o maior grupo privado, na atividade de pesquisa, lavra e beneficiamento de fluorita no sudeste catarinense deu-se a partir da descoberta da fluorita no início da década de 50.”²⁸ O grupo Sartor, o dono seu Alberto de Bona Sartor era morador da Segunda Linha Torrens. Em 1969 o grupo criou a mineração Satélite Ltda com a finalidade de adquirir os jazimentos de fluorita de Cachoeira Feia, município de Pedras Grandes.

Já fazia parte do grupo também a empresa Águas Termais, São Pedro Ltda, detentora de concessão de lavra de água mineral na localidade de Urussanga Baixa, no município de Pedras Grandes, nela explorando atividade hoteleira com banhos hidrotermais. [...] Mineração Satélite Ltda e Águas Termais de São Pedro Ltda, foram incorporadas em 1987 pela

²⁷LIBERATORE, 1973, op. cit., p. s/p.

²⁸LIBERATORE, 1973, p. s/p.

mineração Nossa Senhora do Carmo, passando esta última a ser a única detentora dos títulos de lavra do Estado.²⁹

De acordo com Enivaldo João Fabro esse grupo ainda é dono do balneário São Pedro e possuem duas minas de fluorita uma localizada na cidade do Rio de Janeiro e outra no Paraná e na mina Nossa Senhora do Carmo, hoje é extraído reaproveitado as substâncias do areão.

O grupo Bayer, multinacional de origem alemã, chegou a Santa Catarina em 1982, “quando adquiriu 50% do capital social das empresas do engenheiro Antônio Sergio Borges, mineração fluorita Ltda - MINERFLUOR e mineração Floral Ltda. Em 1983 o grupo assumiu o controle das duas empresa.”³⁰

A mineração Santa Catarina foi objeto de solicitação pesquisa em 1961 por seu Quintino Padoim, com os direitos das lavras cedidos a mineração Santa Catarina Ltda em 1965, “a mina Santa Catarina localiza em Segunda Linha Torrens, Distrito de Estação Cocal, município de Morro da Fumaça.”³¹ De acordo com Liberatore, as reservas fluoríticas dividiam se entre: a mineração Nossa Senhora do Carmo possui 50%, Companhia Brasileira de alumínio- CBA 37%, Mineração Floral ou (Nossa Senhora Aparecida) Ltda 7%. Quintino Padoim era, “o maior acionista né, ai até quando ele vendeu a mina, naquele tempo eles falavam em milhão né, a Votorantim pagou cinquenta milhões.”³² Após o grupo Votorantim comprar a mineração Santa Catarina, passou a ser chamado Nitro química. O grupo Votorantim adquiriu também a mineração Floral.

Valdir Costa ainda salienta que nos primeiros tempos o processo empregado era muito rudimentar, “garimpagem mesmo.”³³ O processo de garimpagem era o mesmo utilizado na extração de substâncias valiosas e minerais, realizado por meio da exploração manual de substâncias minerais valiosas, como: ouro, diamante. Nesse caso exploração jazida fluorítico. Geralmente as técnicas de garimpagem eram realizadas a céu aberto. De acordo com Costa ainda eram usados instrumentos, tais como: a pá, picareta as quais eram usadas para quebrar as pedras grandes e a limpeza das mesmas era realizada com sabugo de milho, pois

²⁹BEVILACQUA, 1988, op. cit., p. 12.

³⁰LIBERATORE, 1973, p. s/p.

³¹LIBERATORE, 1973, p. s/p.

³²BEVILACQUA, 1988, op. cit., p. 12.

³³COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

as pedras vinham com muito barro, “trabalho era duro.”³⁴ Dona Maria Salete de Costa nos conta que seu pai nos primórdios trabalhou na mineração, “meu pai trabalhava no começo, eles escolhiam com a mão né, não tinha máquinas.”³⁵

Assim como o trabalho era realizado com instrumentos rudimentares, a paisagem começa a ser modificada, sem preocupação com sua degradação. Como nos conta dona Salete “onde hoje é a Mina né, não tinha nada só a casa do Alberto Sartor, onde descobriram aquela mina. Tinha a casa do Seu Quintino Padoim, o seu Vitério Casagrande pouquíssima gente era tudo roça depois que abriram a mina é que veio gente.”³⁶ O cenário rural aos poucos vai adquirindo novos aspectos, formatos e cores. Sendo assim, houve uma transição do trabalho da roça para o trabalho das minas.

Na medida em que a exploração do minério foi aumentando, “a partir da ‘notícia’ que havia trabalho fixo, as pessoas foram pouco a pouco atraídas e vieram de diferentes lugares trabalhar na mineração.”³⁷ Segundo relatos de Valdir Costa e João José de Souza a maioria dos trabalhadores compunham o cenário das minas eram agricultores locais, grande maioria de trabalhadores oriundos das olarias. Foi necessário contratação da mão de obra das cidades vizinhas e trabalhadores de outros estados vieram compor os cenários das minas de fluoritas para suprir a demanda. Costa era trabalhador da cerâmica quando surgiu à oportunidade trabalhar em um novo ambiente ele abraçou com as duas mãos, pois, “o trabalho era muito pesado e na mina a gente ganhava um pouco mais.”³⁸

A grande maioria de trabalhadores se estabeleceram nas proximidades das minas, outros mineiros vinham e voltavam todos os dias como nos conta seu Arino Borges, “pegavam gente de Cocal do Sul, Próspera, na Rua do Fogo, pegava em Morro da Fumaça, a mina botava caminhões pra trazer do Treze de Maio, então vinha gente de tudo quanto é lugar, porque era de turno funcionando de dia e de noite toda vida né. Vinham e voltavam de caminhão.”³⁹

³⁴COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

³⁵COSTA, Maria Salete. Depoimento [jun 2014, Morro da Fumaça. **Entrevista concedida Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (40 min). Seu marido, pai e irmão trabalharam na mina. Em 1974 abre uma sociedade com seu irmão e começam a confeccionar uniformes para os mineiros.

³⁶COSTA, Maria Salete. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

³⁷BERNANDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. FILHO, Alcides Goularti. (org) **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004.p.103.

³⁸COSTA, Valdir Costa. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

³⁹BORGES, Arino. Depoimento [agos 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, mp3(20) e vídeo (60 min). Começou a trabalhar em 1967, na mineradora

Outro fator que levava o pessoal a trabalhar nas minas era o fato de garantirem a remuneração mensal e continuarem as atividades agrícolas para auxiliar no sustento da família, às vezes, até ganhar um dinheirinho extra com a venda de seus produtos. O horário era de turno, quem trabalhava embaixo aproximadamente 6 horas diária e quem trabalhava em cima cerca de 8 horas, “o pessoal que trabalhava comigo era tudo de roça,”⁴⁰ “dava de fazer os dois né trabalhar na mina e fazer roça.”⁴¹ As mulheres além de ajudarem na roça exerciam a função de almoceiras, como nos conta dona Mariquinha, “era difícil trabalhar na roça, pois era longe, levava o filho na barriga e desmaia lá na roça, ia a pé levar comida para meus cunhados a pé lá, na mina.”⁴²

Com a necessidade de contratação de mão de obra, migrantes oriundos de várias regiões, tais como: Jacinto Machado, Gravatal, Linha Batista, Caxias do Sul, São Bento Alto, vão se estabelecerem próximo das minas. Seu Vercenei Luiz Camargo nos contou que veio morar em Estação Cocal em razão das minas de fluorita, ficou sabendo que as mineradoras estavam contratando precisava de mão de obra.

Morava no município de Siderópolis, mas era bem embaixo da serra, São Bento Alto fiquei sabendo das minas um vizinho que morava aqui, foi embora para lá e depois voltou morar aqui, ai ele falou das minas para trabalhar, vim trabalhar convidaram. Em 74 veio eu e meu cunhado arrumar serviço para já voltar né, ai não deu tempo. Emprego tinha mas não deu para vim trabalhar ai em 75 eu vim trabalhar. Ai serviço tinha bastante e pouca gente para trabalhar ai eles andavam procurando pra lá pra cá. Trabalhei na mina Santa Catarina.⁴³

Com o aumento da produção e com pouca mão de obra local foi necessária à empresa criar estratégias para atrair novos mineiros e uma delas foi dar folga para os funcionários para irem recrutar novos empregados.

Nossa Senhora do Carmo, seu pai era capaz geral da mineração Santa Catarina. Trabalhou pouco tempo na mineração Nossa Senhora do Carmo, passou a trabalhar para a Mina Santa Catarina. Trabalhou oito anos como marceneiro, depois desceu a mina. Exercia cargo de confiança, participava de reuniões fechadas, era responsável pelo seu grupo. Também foi jogador do time da mineração.

⁴⁰CAMARGO, Vercenei Luiz. Depoimento [setembro 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (20 min). Veio embora para Estação Cocal para trabalhar nas minas de fluorita, foi empregado da mina Santa Catarina. Começou a trabalhar na mina em 1975, trabalhou em cima da mina na máquina que abastecia os córregos, depois passou a ser auxiliar de encarregado.

⁴¹FABRO, Enivaldo João. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁴²MARAGNO, Maria Pelegrim. Depoimento [mai 2014] Morro da Fumaça. **Entrevista cedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (33 min). Foi a primeira costureira a fazer uniformes para as minas.

⁴³CAMARGO, Vercenei Luiz. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

Aquela vez quase não tinha funcionários, tinha semana que eu arriava às 4 horas aí eu saía e ia lá para Siderópolis, aqueles lados lá para ver se arrumava camarada para vim trabalhar nas minas. Sempre tinha porque tinha meus conhecidos, aí sempre arrumava alguém para vim trabalhar aqui, meus conhecidos eles davam o dia para a gente ir procurar.⁴⁴

O retorno à terra natal aumentava a saudade e o desejo de continuar vivendo com seus vizinhos, amigos, parentes e de ter uma vida um pouco “melhor”, isso porque “lá nós vivia tudo da roça, era com a inchada, foice não dava quase nada né, recebia bem dizer uma vez por ano. [...] aqui era assim, quem trabalhava na mina fazia roça também.”⁴⁵ O trabalho no campo em parte depende do tempo, às vezes não conseguiam ter uma boa colheita, com o passar o ano todo com o pouco que conseguiram colher? E, o pagamento era anual, as minas os seduzia com o salário mensal. Eles poderiam agora fazer os dois, trabalharem na mina e manterem suas rocinhas. Para quem vivia com tão pouco, via na mina uma oportunidade de ‘mudar’ de vida. Seus filhos também poderiam trabalhar na mineração e contribuir para as despesas domésticas. Com tudo isso, é fácil imaginar o grande número de famílias que vieram se estabelecer no Distrito Fluorítico.

Houve ainda, quem veio para esse local e pagou pensão para os vizinhos, parentes. Enivaldo João Fabro nos traz outro elemento que veio a atrair a mão de obra, “no começou eles davam para o pessoal um pedaço de terra, o pessoal ia cercando um pedaço e iam fazendo suas casinhas.”⁴⁶

Além da vantagem de receber as terras as mineradoras funcionavam, de quatro turnos que funcionavam dia e noite, de acordo com as lembranças de seu Pedro Alexandre “de noite era bunito de se vê, a claridade daquilo ali cada mineiro com a sua lanterninha na mão, porque trabalhavam de noite e de dia, não tinha hora de pegar, saía uns e entra outros.”⁴⁷ Isso nos remete ao filme *germinal*, a cena em que os operários começam a chegar para trabalhar ainda de madrugada, cada um com sua luminária e descer a mina. Dona Maria Izidia nos traz agora detalhes, de quando seu marido trabalhava de madrugada na mina, qual era o seu papel de esposa.

⁴⁴CAMARGO, Vercenei Luiz. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁴⁵Ibidem.

⁴⁶FABRO, Enivaldo João. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁴⁷ALEXANDRE, Pedro Francisco. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

Olha quando ele trabalhava na mina, às vezes ele pegava de madrugada, aí eu tinha que arrumar a bolsa, café essas coisas tudo para ele levar, aí eu levantava fazia o café e arrumava a bolsa dele. Depois limpava a casa, lavava a roupa, fazia almoço para ele quando chegava em casa.⁴⁸

Costa nos fornece detalhes dos funcionários das minas “o pessoal que trabalhava era muito humilde, difícil de conseguir emprego naquela época, quem pegava era difícil perder. Quem tinha a oportunidade não jogava fora e se saísse de lá para onde iria?”⁴⁹ “Eles pagavam bem que nossa.”⁵⁰ Se compararmos o salário da mineração com as demais indústrias, a remuneração era mais compensadora e garantia a permanência dos operários nas minas. Segundo Volpato:

O salário funciona, simultaneamente, como um mecanismo de acomodação as condições insalubres do trabalho da mineração. Sem qualificação profissional, perder o emprego nas carboníferas, sobretudo em tempos de desemprego, significava estar exposto a biscate ou ao salário mínimo, em qualquer outro emprego que aparecer. Os operários se sentem privilegiados com o salário que recebe, porque se compararam com outros operários ‘sem profissão’ que estão ganhando o salário mínimo regional.⁵¹

Nesse caso os baixos salários “aceitos” e naturalmente justificados pela abundância de mão de obra local. Segundo Bevilacqua, “a existência de mão de obra abundante são alguns fatores que colaboram para a não mecanização das minas brasileiras.”⁵²

Conforme Volpato, “o único bem que dispõe é sua força de trabalho, e a colocam a serviço da classe detentora dos meios de produção, em troca de um salário que lhes garanta a sobrevivência.”⁵³ Sendo assim, os trabalhadores são ‘obrigados’ a vender sua força de trabalho em troca de salário para garantir a subsistência e o sustento de sua família.

O trabalho em baixo da mina ‘compensava mais economicamente.’ Mas os riscos eram muitos maiores, uma vez que estavam associados constantemente a

⁴⁸SILVA, Maria Izidia. Depoimento [maio 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (60 min). Seu marido, filho e cunhados trabalharam nas minas de fluorita. A ela coube o papel de ser dona de casa enquanto seus filhos estavam pequenos, depois passou a ser lavadeira e por último costureira.

⁴⁹COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁵⁰SOUZA, João José. Depoimento [Nov 2013]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (30 min). Trabalhou na mina Nossa Senhora do Carmo e na Mina Santa Catarina. Trabalhava embaixo da mina.

⁵¹VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana: os minérios de Criciúma.** Florianópolis: UFSC, Assembleia Legislativa, 1984, p. 59.

⁵²BEVILACQUA, 1988, op. cit., 13.

⁵³VOLPATO, 1984, op. cit., 19.

insegurança, as condições insalubres, trabalho perigoso. Isso nos remete aquele velho ditado popular ‘eu vou, mas não sei se volto.’

De acordo com os relatos de Valdir Costa, ele tinha dezessete anos quando começou a trabalhar na mina, queria descer para aumentar seu salário, seus pais assinaram um termo autorizando seu filho a descer, pois só era permitido descer a partir dos vinte e um anos. Conta ainda que no início os mineiros trabalhavam bem a vontade, “sem camisa, tinha vezes de trabalharem apenas de cueca, era muito quente lá embaixo, tinha gente que até trabalhava descalço, as pedras machucavam muito os pés. Quem tinha condições compravam suas próprias botas de borrachas.”⁵⁴

Conforme Valdir Costa a segurança veio só mais tarde, com o uso indispensável do capacete, lanternas, os uniformes, botas de borrachas, a empresa passa a fornecer materiais para garantir a ‘segurança.’ Bevilacqua nos traz detalhes, “os mineiros são equipados com capacetes, bota, capas de chuva e lanternas de bateria. [...] As galerias de transportes são iluminadas com lâmpadas fluorescente ou incandescente a distâncias regulares.”⁵⁵ Para seu João os riscos eram grandes “mas fazer o que né, a gente tinha que trabalhar, e se fosse para morrer é porque era nossa hora.”⁵⁶ De acordo ainda com Bevilacqua, “os riscos que os mineiros ocorrem nos trabalhos de subsolo são os inerentes a própria natureza dos trabalhadores da mineração.”⁵⁷

Isso nos leva a entender o descaso com os riscos ocorridos diariamente. Os mineiros conviviam com este ambiente de risco a vida, a saúde e a integridade corporal eram expostos diariamente. A luta pela sobrevivência muitas vezes valia a própria vida. A ideia de sobrevivência é apresentada por Candido:

Há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-las e garantir as regularidades das relações humanas.⁵⁸

Esse mínimo vital é o viés que leva os trabalhadores muitas vezes colocar

⁵⁴COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁵⁵BEVILACQUA, 1988, op. cit., p. 12.

⁵⁶SOUZA, João José. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁵⁷BEVILACQUA, 1988, op. cit., p. 14.

⁵⁸CANDIDO, Antônio apud ZANELATTO, João Henrique. **Homens do Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha.** São Paulo: Baraúna, 2011, p.127.

em risco sua vida, eles carregam consigo a responsabilidade de manter o sustento da casa. Conforme a memória de João José de Souza “O ambiente era muito insalubre, muita poeira. “A gente vivia encharcados.”⁵⁹ Mais tarde acabou ocasionando algumas doenças que os acompanha até hoje. Como falta ar, problemas pulmonares. “Quem bebia e fumava morreram todos, já eu é porque sempre me cuidei.”⁶⁰

2.1 OPERÁRIOS E PATRÕES: MÚLTIPLAS RELAÇÕES

Mãos que constrói histórias esquecidas, as aberturas das primeiras minas foram realizadas com as mãos dos mineiros e muitas vidas ficaram presas nos subterrâneos da história. Buscamos então analisar o processo de constituição dos trabalhadores mineiros e as relações entre patrão e empregado que irão ultrapassar as minas. Partimos de alguns questionamentos: quais foram? Relações que ultrapassaram a mina? Como vai se dá? Em que momento? De que maneira está presente no cotidiano da família mineira?

Historicamente o operariado surge juntamente com o capitalismo industrial. Quem detém dinheiro consegue sobreviver nesse novo sistema, os camponeses passaram a vender a sua força de trabalho em troca de salário, tornando-se instrumento do capitalismo, “a classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela está presente ao seu próprio fazer-se”⁶¹ a contribuição de Thompson faz-se necessária para entendermos a classe operária e seu processo de constituição:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimento dispares e aparentemente, desconectados tantos na matéria-prima na experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.⁶²

Sendo assim, a classe passa a ser formada a partir da experiência, práticas cotidianas é através da experiência que constrói classe, “a classe é definida

⁵⁹SOUZA, João José. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁶⁰COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁶¹THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 09.

⁶²THOMPSON, 1987, op. cit., p. 09.

pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, está é a sua única definição”.⁶³

Margareth Rago aponta a vontade do patrão de deter o controle sobre a vida do operariado, “a medida mesmo que o movimento operário se organiza e ameaça escapar ao domínio do poder.”⁶⁴ Vai sendo criando estratégia, ‘benefícios’ para ter influência sobre a vida do funcionário. Conforme Chalhoub “o patrão era uma espécie de juiz ‘doméstico’ que procurava guiar e aconselhar o trabalhador, que em troca, deveria realizar suas tarefas com dedicação e respeitar seu patrão.”⁶⁵ Pois essa imagem apresentada em relação ao patrão e empregado “tem um objetivo obvio de controle social, procurando esvaziar o potencial de conflito inerente a uma relação baseada fundamentalmente na desigualdade entre os indivíduos que dela participam.”⁶⁶ A prática patronal oscila entre o exercício da repressão direta e o ‘paternalismo’. Esse paternalismo é apresentado por Rago apontado que:

A autoimagem paternalista que alguns industriais constroem, e que a historiografia incorpora sem questionar sua dimensão ideológica, visa reforçar sua autoridade, simbolizada na figura do pai, e assegurar a integração do trabalhador ao aparato produtivo.⁶⁷

Assim, “o patrão tendia a desempenhar o papel de protetor e orientador de seus empregados.”⁶⁸ Valdir Costa nos conta como era a relação do empregado e patrão, “era muito amigo como uma família né”⁶⁹ mas “que sem dúvida lhe retribuíam a proteção com longas e penosas jornadas de trabalho”⁷⁰ “eu tinha uma dedicação muito grande sabe eu não tinha hora para trabalhar, não tinha dia se precisa eu estava lá, se precisasse eu trabalhava dois turnos.”⁷¹ Seu Arino Borges sentia-se como um filho, pois a empresa estava sempre disposta a ajudar quando precisava, “que até uma vez tive um guri doente ficou três anos em tratamento eu

⁶³ THOMPSON, 1987, op. cit., p. 12.

⁶⁴ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1980-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 33.

⁶⁵ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: UNICAMP. 2ª ed. 2001, p. 115.

⁶⁶ CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 115.

⁶⁷ RAGO, 1985, op. cit., p. 34.

⁶⁸ CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 119.

⁶⁹ COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**.

⁷⁰ CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 115.

⁷¹ COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**.

tinha que fazer dois horários na mina pra dar conta do tratamento dele, eles me adiantaram férias, décimo, pagamento.”⁷²

A figura da família, utilizada para pensar no ambiente de trabalho é apresentado pelo senhor Arino Borges:

Porque o engenheiro sempre dizia assim, oh tu tem que cuidar melhor aqui, do que a tua família, porque da tua família cuidemo nois com encargo social, assistência medica, hospital, você não precisa nem perder dia, nos levamos, trouxemos, tem os enfermeiros, os médicos tudo ligado com a gente, ai eu dizia assim, é e eu achava que não a gente tinha que se virar. E, de fato os encarregados deles quando a gente toma responsabilidade eles cuidam da gente como se fosse um filho. E, esse engenheiro Benjamim, o doutor Clovis Bevilacqua, o doutor Sergio, o doutor Anjo eles lidavam com a gente assim.⁷³

Rago ressalta que nestas relações sobressai a, “ideia de que trabalhadores e patrões pertencem a uma mesma “comunidade,” lutando por interesses comuns.”⁷⁴ Conforme Chalhoub, “quando pensamos em controle social da classe trabalhadora. Assim, pensamos numa relação na qual a classe dominante é o sujeito, isto é, a protagonista de uma relação de dominação na qual a classe trabalhadora é simples objeto.”⁷⁵ A ideia de paternalismo nos instiga a pensar que patrão e empregado pertencer a um mesmo grupo social, interagindo entre eles com objetivos comuns, mas não passa de um ato tendencioso em camuflar a autoridade sob forma de proteção.

Além do emprego que garantia a ‘sobrevivência’ da família, as mineradoras ofereciam alguns ‘benefícios’, como: casa, água encanada, energia elétrica, ambiente de lazer para a família, vale alimentação, cartão benefício, material escolar entre outras concessões.

As formas de sobrevivência iam se configurando no seu cotidiano que ultrapassa a mina e entra na vila!

⁷²BORGES, Arino. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁷³BORGES, Arino. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁷⁴RAGO, 1985, op. cit., p. 35.

⁷⁵CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 149.

3 A VILA E A MINA ASPECTOS DO COTIDIANO

O cotidiano das famílias mineiras envolviam relações sociais que configuravam a construção de uma cultura em torno das minas de fluorita, que envolvia também o espaço de lazer, as moradias, enfim relações perpassadas por práticas cotidianas.

As práticas culturais iam sendo estabelecidas então no dia a dia da família mineira, o bairro era o lugar de encontros, convivência com a vizinhança, encontros amoroso, lazer, futebol, religiosidade “o bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais: com ele ficam postos a disposição dos seus usuários ‘lugares’ na proximidade nos quais estes se encontram necessariamente para atender as suas necessidade cotidianas.”⁷⁶

O historiador ao ir a encontro da memória coletiva, paulatinamente repousara na janela do cotidiano, sendo assim, “o que interessa ao historiador o cotidiano é o invisível.”⁷⁷ Encontrará festas, bailes, namoro, casamento, conflitos com a vizinhança, futebol, amizade, solidariedade, missa, enterro. Isso só é possível, a partir do momento:

História construída a partir do encontro com a memória daqueles que com paciência, narram suas vidas, e desta forma permite ao historiador entrar na intimidade dos lares, encaminhar e encontrar a rua, chegar aos bares e aos bailes, alcançar uma missa e uma festa de igreja, ir aos enterros perceber os ruídos e os odores.⁷⁸

A convivência no bairro era dada a partir das relações na rua, com os vizinhos, no mercadinho, no campo de futebol. Cada qual exercia uma função de convivência dentro do bairro. O bairro era o um palco diurno “cujos personagens eram a cada instante, identificáveis no papel que a convivência atribuiu lhe; a criança, o pequeno comerciante, a mãe de família, o jovem, o aposentado, o padre.”⁷⁹ A solidariedade de um com outro sempre se manteve presente do dia a dia das famílias mineiras. Seu Valmir de Jesus Freitas, contou que sempre precisou da

⁷⁶MAYOL, Pierre. Morar. IN: CERTEAU. Michel. **A invenção do cotidiano, 2: morar. cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 46.

⁷⁷LEUILLIOT apud CERTEAU. Sd, p. 31.

⁷⁸COSTA, Marli de Oliveira. “**Artes de viver” Reciclando e Reinventando Espaços - Memória das Famílias Mineiras Próspera Criciúma (1943-1961)**. 1999, 206 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 89.

⁷⁹MAYOL, Pierre, 1997, op. cit., p. 51.

ajuda dos vizinhos, “pedia bastante emprestado para os vizinhos.”⁸⁰ No cotidiano de seu Aderbal também era presente a prática de pedir emprestado para a vizinhança, muito comum na vida das famílias mineiras. Sendo assim:

As vezes nós pediam sim, não vou dizer que a gente não pedia, ia pedir como o vizinho pedia para a gente também. (interfere sua esposa- assim quando eles eram pequenos, aí acabava um azeite, uma coisa aí pedia para o vizinho.) Pedia até eu chegar do serviço, aí eu ia lá, aí eu ia lá comprar. [...] Os vizinhos ocupavam a gente e a gente ocupava os vizinhos também. Os vizinhos eram tudo unido lá.⁸¹

Como podemos perceber a vizinhança ajudava um ao outro, uma mão lavava a outra, “cada pessoa, renunciando a anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva.”⁸²

Nem tudo eram flores, as pessoas pensavam e agiam diferentemente entre si, o que às vezes levava a ocorrência de alguns conflitos com a vizinhança, como nos conta seu Aderbal João Pereira:

Sempre tinha umas briguinhas de mulher, fofoqueira tinha porque operária é assim, coisinha boba assim né [...] Não vou dizer, tinha umas fofoquinhas, briguinhas, lá mas era tudo coisa boba né. (interfere- era intrigante por coisa de filho, tem gente que dava confiança para briga de criança e queriam brigar entre adultos, por causa de confusão de criança.) é por causa de namoradinho, coisinha assim né.⁸³

E contribuíam para a construção de uma cultura em torno das minas de fluorita, “o grupo operário que passou a morar nas proximidades “boca de mina,” formando aos poucos uma pequena vila operária ao redor das minas.”⁸⁴ E em Morro da Fumaça, essa vila operária ficou conhecida como Mina Fluorita que carrega o nome até hoje. De acordo com as lembranças de Erivaldo João Fabro “a Mina Fluorita foi o próprio pessoal que botaram o nome [...] ai depois mudaram o nome no papel.”⁸⁵ Também aqui, vila operária representou uma solução para o problema habitacional da classe trabalhadora, “para atender as demandas de pessoas vindas para o trabalho industrial, os capitalistas, donos de empresas e dos meios de

⁸⁰COSTA, Valdir. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara Cruz.**

⁸¹PEREIRA, Aderbal João. Depoimento [agosto 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.** 1 arquivo, vídeo (37 min). Iniciou seus trabalhos em 1985 com a mineração. Trabalhou na mineração Santa Catarina, grupo Votorantim. Trabalhava embaixo, era operador de bokat era juntar o minério para mandar para a rua para produzir, e também foi furador.

⁸²MAYOL, Pierre. 1997, op. cit., p. 39.

⁸³PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara Cruz.**

⁸⁴COSTA, Valdir. 1999, op. cit., p. 47.

⁸⁵FABRO, Erivaldo João. Entrevista citada, 2014. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz.**

produção, buscaram soluções nas construções das casas e vila operária.”⁸⁶ A vila passou a ser um meio de organização e controle social, pois de acordo com Chalhoub:

É antiga e bem conhecida a hipótese de Engels segundo a qual organização do espaço urbano numa sociedade capitalista ou em transição para o capitalismo seria um mecanismo de controle social e econômico, utilizado pela burguesia, visando principalmente organizar e disciplinar a força de trabalho.⁸⁷

Emile Zola em seu livro *Germinal* retrata uma vila operária mineira, que ele vem a chamar “pequena cidadela” onde moram os mineiros e suas famílias. “A empresa mineradora alugava as casas e mantinha um laço de dependência entre trabalhadores e a carbonífera.”⁸⁸ O espaço de trabalho ia além do ambiente da empresa, a presença da mineradora estava no cotidiano da família mineira, “o controle social numa sociedade capitalista procurava abarcar todas as esferas da vida, todas as situações possíveis do cotidiano.”⁸⁹

A indústria de tecelagem do grupo Votorantim, localizado no estado de São Paulo, Rago nos traz detalhes da vila operária construída por esse grupo, “alguns industriais constroem vila operárias a exemplo da Votorantim, onde havia jardins públicos, lojas, cinemas, clubes, quadras de tênis, piscina, campo de futebol, água encanada, luz elétrica e esgoto.”⁹⁰

As estratégias disponibilizadas pela empresa seduziam o empregado, “garantia” a ele ofertar uma vida melhor a toda sua família, com isso ele ficava subordinado à mineradora, pois “a minha família precisa do serviço.”⁹¹ E, o serviço, “era pesado mais era cem por cento melhor que trabalhar nas olarias têm mais vantagem e privilegio né.”⁹²

3.1 CASAS

A empresa fornecia casa com energia elétrica e água encanada para seus funcionários, era cedida primeiramente para cargos de confiança da empresa,

⁸⁶COSTA, 1999, op. cit., p. 49.

⁸⁷CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 133.

⁸⁸ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril cultural, 1981, p. 07.

⁸⁹CHALHOUB, 2001, op. cit., p. 133.

⁹⁰RAGO, 1985, op. cit., p. 35.

⁹¹BORGES, Arino. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁹²PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

depois ela passou a fornecer para alguns operários, como nos conta seu Aderbal João Pereira:

Eles davam para o pessoal cobrava uma tachinha de um real (gesticula), só para não dizer que não davam dado, porque não pode dar dado para o empregado tem uma norma, não sei o que no código que tem que cobrar uma tachinha, então eles cobravam um real. Só para a pessoa morar na casa, eles davam tudo energia, água tudo de graça. O Sartor tinha bastante até a Santa Catarina tinha bastantes casas, lá na época, tinha bastante gente que morava nas casas da empresa. Os motoristas, eletricitas, mecânicos, bombeiros moravam tudo na casa da firma, aqueles de mais confiança da empresa que precisava tá na empresa direto trabalhando, tudo tinha casa para morar, casa boa. Tinha na vila dos gaúchos na Mina também, que eles diziam que tinha umas quatro casas. Que era da firma também, eles tinham muitas casas da firma que davam para os empregados, já tiraram tudo agora só tem lá no Sartor um pouco o resto já tiraram tudo. Mas daí a Floral quando passou para o grupo Floral. Daí não tinha mais de confiança dava até para os mineiros, memo até o seu Valdo ali dá mina um mineiro furador.⁹³

Seu Aderbal João Pereira nos dá detalhes de como era as casa fornecidas pela mineradora, “eles deram a casas boas, tinha areazinha, banheiro, sala, quartos, cozinha boa, tudo bem bom, tudo pintadinho.”⁹⁴ Vejamos agora as poucas casas que restaram.

Figura 3 - Casas fornecidas pela mineradora Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora Sandra Mara da Cruz.

⁹³PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁹⁴ Ibidem.

O aluguel das casas era por um valor, digamos que ‘simbólico’, e quando necessitava de alguma reforma ou reparo, deveria ser solicitado à mineradora, “as reformas que a companhia realizava dizia respeito apenas a consertos.”⁹⁵ Como mostra a lembrança de seu Aderbal:

Quando dava um problema na rede elétrica era a turma da mineração que ia lá fazer, eles tinham os eletricitas a empresa né, daí quando estragava uma tábua lá a empresa o carpinteiro lá trocar, porque era nome da empresa. Porque era patrimônio da empresa. A empresa que era responsável pelas casas, porque é patrimônio deles, só dava para os funcionários morar.⁹⁶

Sendo assim, “a casa não vivi somente no dia a dia, no cursor de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.”⁹⁷

Quem não conseguia ter uma casa cedida pela mineradora, construía sua própria residência, “habitar em uma dessas casas da vila operária era dispor de um espaço bastante restrito”⁹⁸ quarto, sala, cozinha e um pequeno banheiro. Como mostra a lembrança de seu Aderbal: “casa era pequena, só tinha um quarto (mulher intervém, não existia sala só quartos e uma cozinha, e um banheiro bem pequenininho). A casa era minha memo, ai comprei e fui morar lá, depois que casei.”⁹⁹ Na voz de seu Arino Borges ele também nós traz detalhes de sua casa, “era sala, um quarto, cozinha e um banheiro (gesto) era só. No começo nem era banheiro. As louças era aquelas lavadinhos que eles botavam do lado de fora da janela, pra lavar a louça assim (gesto) de fora da janela porque a água era de bacia, de balde.”¹⁰⁰ A importância da casa, “é ressaltada como um ‘lugar’ de encontro, de reunião familiar.”¹⁰¹ De acordo com as lembranças de seu Aderbal João Pereira e Arino Borges, a medida em que os filhos foram nascendo, a casa foi sendo aumentada, “ai depois fiz mais dois quartos, ai conforme veio os filhos fomos

⁹⁵COSTA, 199, op. cit., p. 94.

⁹⁶PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

⁹⁷BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 25.

⁹⁸BERNANDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. FILHO, Alcides Goularti. (org) **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 107.

⁹⁹PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰⁰BORGES, Ariano. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰¹OSTETTO, Lucy Cristina. **Nova Veneza na primeira metade do século XX: quadros de memória retratos de família,** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014, p. 42

aumentando, mais uma cozinha a gente fez daí ficou melhor, mais espaços.”¹⁰² Isso porque “os moradores intervinham na arquitetura das casas, modificando-a de acordo com as necessidades da família.”¹⁰³ Seu Arino após o expediente da mina ia aos poucos aumentando seu domicílio em virtude do nascimento dos filhos, como relatou: “nascia um por ano, a cada ano era construído um cômodo, levamos quinze anos, difícil mesmo.”¹⁰⁴

Figura 4 - Observe ao fundo detalhes das casas das famílias mineiras.



Fonte: Acervo particular do senhor Arino Borges.

3.2 ÁGUA

Antes de a mineração fornecer água encanada para as casas, as mesmas eram retiradas dos poços artesianos como nos fala seu Arianos, “até a água era do poço a gente tinha que tirar, que de balde de poço, era pra lavar, comer, tomar banho, o banho era numa bacia, era difícil”¹⁰⁵ outro fator importante “no cotidiano das famílias era a obtenção de água.”¹⁰⁶ A empresa não fornecia casa para todos os

¹⁰²PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰³COSTA, 1999, op.cit., p. 93.

¹⁰⁴BORGES, Ariano. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰⁵Ibdem.

¹⁰⁶BERNANDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. FILHO, Alcides Goularti. (org) **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 109.

funcionários, porém era responsável pelo abastecimento de água da vila operária. Seu Arino Borges nos traz detalhes de como a mineradora passou a fornecer água para a família mineira:

Quando ela começou a fundar aqui onde tava a mineração era um Lago de pescar, foi fundado doze metros de trilho, com estaca pra baixo até encostar na rocha firme pra depois fazer a ferragem encima, pra fazer as bases de concreto pra depois fundar que começou a secar os poços. Ai a água que eles puxaram em galeria pra nois então, tinha que secar pra eles trabalharem.¹⁰⁷

De acordo com as lembranças de seu Aderbal João Pereira, das três empresas mineradoras apenas uma fornecia água, era a mineradora Floral (atual Nitro Química), “enquanto era da mineração não pagava nem um centavo. Era de graça gratuito para todo mundo. Ela fornecia até agora, até pouco tempo atrás, ali depois que fechou e ainda fornecia uma porção de tempo ainda, depois a Casan assumiu aguinha boa.”¹⁰⁸ Após o encerramento das atividades da mineradora, a Casan passa a assumir o controle da água em 2011.

3.3 VALE ALIMENTAÇÃO E MATERIAL ESCOLAR

A empresa também fornecia o vale alimentação para seus operários, era uma maneira de custear a alimentação de quase toda família, “o importante é que se tradando do sustento familiar, não havia espaço para o ‘eu’, somente para ‘nós’ para a nossa família, para ‘lá em casa.’”¹⁰⁹ Fica bem claro a preocupação com o sustento familiar, na fala de seu Aderbal João Pereira, “o vale era para toda família né, claro se a Floral desse vale era mais vantagem porque era para toda família ganhava, [...] mas só que o vale alimentação era para tudo nois, pra todos de casa.”¹¹⁰ Seu Aderbal agora nos traz detalhes de como a mineradora fornecia o vale alimentação e de que forma contribuía para o sustento da família:

De um certo tempo para frente ela fornecia o vale alimentação, tinha os mercados conveniados, não eram todos no caso nois comprava no Biso, o Pelegrim parece. Mas nois sempre comprava no Casagrande. Nem que faltasse ganhava o vale a mema coisa. Olha era um valor que dava, quase

¹⁰⁷BORGES, Arino. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰⁸PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁰⁹OSTETTO, 2014, op. Cit., p. 42.

¹¹⁰PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

dava de fazer um rancho, olha como se fosse hoje uns 400 reais hoje, vê eu quase fazia o rancho para nois. Só inteirava com mais um pouquinho do meu pagamento. A comida era cara, neston, leite ninho tudo comida cara e quase dava pra tudo, hoje baseado num 400 reais. Desde o menor até o maior, às vezes ate dava. Hoje as firmas dão cesta básica né, dão comida, fornece marmita, então nois eles não forneciam comida, nem marmita. Se davam cesta vinha muito enlatado né, ai a turma reclamava, só lata, só lata, só lata, então eles entraram em acordo para ganhar o vale. Tinha gente que comprava comida e outro porcaria era individual. Cada um assim, eles davam a cada um, comprava o que queria. Depois na Floral nois não tinha vale alimentação, nois tinha a comida lá na empresa mesmo, alimentação dentro da empresa. Isso até eu sair da empresa. Ela vendeu os cargos sociais [...] Tinha refeitório, ai não tinha mais o vale. De uns certos anos nois tinha Unimed oferecido pela empresa.¹¹¹

Além do vale alimentação a empresa fornecia material escolar para os filhos dos mineiros, no início do ano letivo, seu Aderbal João Pereira, nos fala de como a mineradora, contribuía com o material escolar para seus filhos:

Tinha vez que eles davam, eles forneciam antes de entrar, eles davam uma mochila cheia com tudo, até a mochila. Muitas vezes nois ganhamos a mochila cheia, caderno, lápis, caneta de tudo. As crianças adoravam. Oh as crianças contente. Ai quando chegava a Floral mandava, chegava ali no comecinho de janeiro eles mandavam ai vinha tudo, nois não gastava quase nada com material para os alunos, nossos filhos. Bem dizer, vinha tudo. Só não vinha os livros porque quem fornece é o colégio né. Caderno, Lápis, caneta, borracha, mochila papel sulfite tudo eles mandavam. Vinha com o embleminha da empresa o V da Votorantim tudo (faz gestos). Até diretamente, até uns tempos atrás eu tinha uma mochilinha dessas.¹¹²

3.4 FUTEBOL

A sexta-feira era esperado com muita alegria, “contava os dias para chegar a sexta”¹¹³ pois “o verdadeiro começo da festa é na sexta-feira.”¹¹⁴ Dependendo do turno e horário que o mineiro trabalhava, as vezes coincidia cogitar com o sábado pela manhã, “nos viemo a pegar domingo a meia noite, ai nois tinha sábado livre, daquela semana que nois trabalhava da meia noite ai tínhamos o sábado livre e a semana que nois pegava das seis ao meio dia ai tínhamos que trabalhar sábado até meio dia.”¹¹⁵ Ficava apenas o domingo para descanso quando era trabalhado no sábado, “no sábado e domingo, os usuários do bairro podem

¹¹¹PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹¹²Ibdem.

¹¹³FREITAS, Valmir de Jesus. Depoimento [agosto 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara Cruz.** 1 arquivo, vídeo (15 min). Trabalhava embaixo da mina, puxava os carrinho com pedra fluorita. Atualmente trabalha como vigilante da mineradora Votorantim.

¹¹⁴MAYOL, Pierre.1997, op. cit., p.150.

¹¹⁵PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

aproveitar diversos programas de lazer. O sábado é dedicado, de preferência ao lazer individual, enquanto o domingo continua sendo tradicional mobilizado por atividade tipo familiar.”¹¹⁶ Para seu Aderbal João Pereira, o sábado em que ele não trabalhava na mineração costumava arrumar o quintal, plantar umas hortaliças, não tinha o hábito de pescar pois:

Eu só pesquei depois que eu parei de trabalhar na mineração, depois que me aposentei, aí minha vida mudou, aí comecei a umas pescadas né. Não é que não tinha tempo é que a gente não sei trabalhava, chegava do serviço cansado, ia descansar, ia fazer alguma coisinha e não ia pescar.¹¹⁷

Seu Aderbal João Pereira fazia o tipo mais caseiro, já seu Valmir de Jesus Freitas, “após o expediente nois ia brincar né, jogar baralho. Final de semana ia jogar bocha.”¹¹⁸ De acordo com seu Ariano Borges tinha mineiros praticamente todos os dias após o expediente costumavam passar no bar tomar uma cachacinha. Isso por quê.

[...] A opção de lazer dos pobres urbanos do sexo masculino: a conversa informal que estes homens levam no botequim, ao redor de uma mesa ou encostados no balcão, sempre sorvendo goles de café, cachaça, cerveja ou algum vinho barato. Era ali nos papos na hora de descanso, que se afoga as mágoas da luta pela vida e se entorpeciam os corpos doloridos pelas horas seguidas do labor cotidiano.¹¹⁹

Com relação ao futebol, percebemos que era uma prática muito comum no dia a dia, em especial sábado à tarde e no domingo onde se costumava disputar campeonato, envolvendo a comunidade toda. Cada mineradora possuía um time de futebol, quando era disputado campeonato era uma mineradora contra outra, também eram participavam de campeonatos regionais e alguns costumavam jogar após o expediente. De acordo com as lembranças de seu Ariano Borges:

Cada vez que saía da mina, até 1980, quando entrei em 1967 aqui eu nunca fui no bar e depois com o tempo é que começou a sobrar tempo aí eu jogava muito futebol, jogava a semana inteira. Os filhos eram pequenos eu levava junto pra jogar futebol, a mulher reinava porque os filhos sempre iam de trás de mim e eu levava. *(risos)*. Nois só saía da mina, tinha gente que saía da mina e ia pro bar tomar cachaça, beber e pra fumar e nois saía e ia pro campo de futebol.¹²⁰

¹¹⁶MAYOL, Pierre, op. cit., p. 150.

¹¹⁷PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹¹⁸Valmir de Jesus Freitas. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹¹⁹CHALHOU, 2001, op. cit., p. 257.

¹²⁰BORGES, Ariano. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

Os jogadores eram todos trabalhadores das mineradoras, “tinha o time dos engenheiros, eletricitas, mineiros, mecânicos, era entre turno, turno contra turno ai nois disputava, quem ganhava, ganhava. Dessa forma, o futebol tornou-se uma verdadeira paixão entre os operários mineiros de fluorita, pois como nos contou seu Ariano Borges, ele chegava cansado em casa, mas se convidassem ele para jogar ia na hora, nas terças e quartas- feiras tinha aqui nos Borges, perto do posto aqui, jogava lá no Sartor também, então uma semana de seis dias nois jogava cinco. O uniforme de time era fornecido pela mineradora, “dava uniforme colorido a mineração que dava.”¹²¹

Figura 5 - Time de futebol da mineração Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Acervo particular do senhor Pedro Nunes.

¹²¹BORGES, Ariano. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

Figura 6 - Time de futebol dos engenheiros do grupo Votorantim.



Fonte: Acervo particular do senhor Arino Borges.

Figura 7 - O time de futebol Fluorita Esporte Clube, jogou com o Metropol.



Fonte: Acervo particular do senhor Pedro Nunes.

Em Estação Cocal o time Tupinambá representava a comunidade, mas como o forte era a na vila operária, de acordo com seu Pedro Nunes a partir da

década 1970 “desativou lá e veio tudo para cá.”¹²²

O campo de futebol proporcionava o encontro entre as pessoas, é momento de esporte, diversão, competição, encontros amorosos, rivalidades também, pois tinha as torcidas organizadas. Nos momentos de campeonato, “o domingo era dia de futebol e a comunidade operária, formada por homens e mulheres, velhos e crianças eram espectadoras ativas.”¹²³ Seu Arino Borges ainda nos conta que quando eram realizados jogos, “nossa aquilo ali fervia de tanta gente, parecia um furmiguelo né, enchia, era mulheres, crianças todo mundo torcendo. E, nois não podia perder, se perdia era uma humilhação, nois jogava memo era pra ganhar, ninguém queria perde.”¹²⁴

3.5 MISSAS, FESTAS

Domingo era o dia sagrado da família mineira, além do descanso semanalmente, era dia de logo cedo irem à missa acompanhado da família, passear na casa do sogro ou pais, comer a melhor comida da semana, namorar, a tarde frequentar às domingueiras, ir ao campo de futebol. Dia de vestir a melhor roupa, “a gente sempre usava uma roupinha melhor né. Claro se tava trabalhando usava roupa de serviço, mas domingo a gente tava melhor.”¹²⁵ Dona Dorizalda Roqui, nos conta como era o domingo, dia de ir a missa.

Todo domingo tinha que ir a missa [...]. Deus o livre se não fosse à missa. Quando a gente vinha aqui, na igreja, a gente vinha de pé no chão e levava a sandalhinha na mão, até perto da igreja. Nós ia daqui a Cocal a pé, de pé descalço, ai quando chegava perto da igreja tinha um arroio e lavava os pés para entrar na igreja e colocava a sandália.¹²⁶

A missa de domingo era sagrada para a família, era uma obrigação cristã, “a igreja não perdia, todo domingo tinha que ir a missa, não saia da igreja toda vida.

¹²²NUNES, Pedro. Depoimento [junho 2014]. Morro da Fumaça. **Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz**. 1 arquivo, vídeo (15 min). Iniciou seu trabalho na mina ainda criança em 1969, quebrava pedra com machadinho. Trabalhou na mina Nossa Senhora do Carmo. Passou a ser encarregado, jogava no time da mineração, e hoje é aposentado.

¹²³CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937- 1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 157.

¹²⁴BORGES, Arino. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**.

¹²⁵PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**.

¹²⁶SMIELESKI, Dorizalda Roqui. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**.

A mãe sempre levou nois a adorar Deus.”¹²⁷

As festas religiosas era momento de reunir os fiéis, mas também motivo de paquerar, encontrar com a vizinhança e diversão. Como não costumava perder uma missa, muito menos uma festa religiosa como: Festa de Nossa Senhora Aparecida, dia 12 de outubro, realizada na vila operária Mina Fluorita, Santa Catarina de Alexandria, 25 de novembro comemorado em Estação Cocal e também é festejado dia 4 de dezembro o dia de Santa Bárbara também na Mina Fluorita, “a partir das festas, vistas como sendo um espaço sagrado, criava-se um espaço profano: as domingueiras, onde dançavam ao som do gaiteiro.”¹²⁸ Dona Dorizalda de Roqui nos contou como conheceu seu futuro marido em uma festa religiosa, “conheci meu namorado na festa da linha Torres.”¹²⁹ O mineiro nesse período era bem visto nas festas, como nos relata seu Pedro Nunes:

Não tinha emprego naquela época, o único emprego era a mineração, quando nois ia a festa em Estação Cocal, nois era rei, os bam bam bans da festa, porque na roça recebia de ano em ano, então não tinha dinheiro, e quem trabalhava na mina todo mês tinha.¹³⁰

O mineiro era considerado um bom pretendente, “havia uma propagação de discursos que procuravam destacar o trabalho das minas como uma atividade de melhor remuneração na região.”¹³¹

¹²⁷SILVA, Maria Izidia da. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹²⁸OSTETTO, 2014, op. cit., p. 72.

¹²⁹SMIELESKI, Dorizalda Roqui. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹³⁰NUNES, Pedro. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹³¹CAROLA, 2002, op. cit., p. 159.

Figura 8 - Os mineiros Pedro Nunes, Vilson Casagrande e Antônio, na festa religiosa na capela Santa Catarina.



Fonte: Acervo particular do senhor Pedro Nunes.

Conforme Michelle Perrot, na França século XIX, os bailes eram, “sobretudo um lugar de aculturação a cidade e de encontro entre os sexos [...]. É um lugar de busca e desejo, carregados de desafio de paixão que muitas vezes geram rixa.”¹³² Dona Maria Izidia da Silva fala como era essas domingueiras:

A mãe tinha muita preocupação com a gente, papai também com muito sacrifício, nos finais de semana ficava em casa, tinha pouca amiga para dar uma voltinha, as vezes quando tinha o salão do Munheca , lá embaixo, as vezes papai levava nois e nois dançava quando era de noite. A mãe não deixava nois sair. Oh quando era suarê assim quando era de dia, domingo a tarde antes de anoitecer, já tinha que estar em casa, oh nois ia com uma porção assim ia eu e minha irmã e mais quatro amigas, quando começamos a sair nois já tinha namorado, ai minha irmã já era noiva. Mas com muito cuidado a minha mãe credo não deixava nois sair sozinha, que vê com o namorado (abaixa o tom de voz).¹³³

¹³²PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz Paulo, 1992, p. 222.

¹³³SILVA, Maria Izidia da. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

Os rapazes que tiravam as moças para dançar, era o momento de muita alegria, diversão com os amigos, paquera. Quem sabe encontrar um namorado (a)! Ao relembrar dos bailes percebemos nas entrevistas que todos recordam com muita alegria, saudades, “ai, até parece que estou vendo ainda aqueles tempos. Cada um escolhia o par, os homens vinham tirar, não é como agora que na maior parte elas dançam entre elas, era bem bonito aquele tempo.”¹³⁴ Para seu Valmir de Jesus Freitas, o baile era, “bom né, não era igual agora né só pulado. Dançava agarradinho pegava a bicha e jocalhava o mocotó (risos).”¹³⁵ Sendo assim, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar como imagem de ideia de hoje e a experiência do passado.”¹³⁶

Outro momento que reunia a comunidade era as festas realizadas pela empresa que era, festa do dia do trabalhador, festa de natal, a mineradora contava com uma associação que caso o funcionário precisasse ela cedia para a realização de festa ou para um jogo de futebol. Seu Aderbal João Pereira descreve:

Pra juventude memo associação da empresa, que jogavam muito faziam muito jogo né, pro mais novos né até pra mim também se eu gostasse de jogar né tinha também. Eles tinham campo de futebol, tudo ginasiozinho não é ginásio é campinho e a barraquinho deles fazer festinha também. Podia fazer um jogo uma mina contra a outra. Liberava o salãozinho para fazer festinha também, tinha churrasqueira para assar carne para a turma.¹³⁷

A festa mais esperada pelos mineiros e sua família era a do dia do trabalhador e natal, momento de comida e bebida em abundância, “muitos efetivamente viveram essa jornada como uma festa, marcada e festejos diversos.”¹³⁸ Para seu Valmir de Jesus Freitas, a festa do primeiro de maio, “era bonito quando tinha festa né. Churrasco, cerveja o dia todo podia levar a família toda era lá no Sartor mesmo.”¹³⁹ [...] Uma atmosfera descontraída ingênua [...] o operário feliz.”¹⁴⁰ Seu Aderbal fala como era a festa de Natal promovida pela empresa, “festa de natal ali final de ano faziam umas festas bonita. Davam prêmios para os funcionários tudo, prêmios grande também sorteavam, geladeira, bicicleta, micro-ondas vários prêmios

¹³⁴MARAGNO, Maria Pelegrim. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹³⁵FREITAS, Valmir de Jesus. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹³⁶BOSI, 1999, op. cit., p. 55.

¹³⁷PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹³⁸PERROT, 1992, op. cit., p. 150.

¹³⁹FREITAS, Valmir de Jesus. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁴⁰PERROT, 1999, op. cit., p. 150.

era sorteado, era bom.”¹⁴¹

Margareth Rago, ao analisar os espaços da vila operárias em São Paulo, nos diz que, “estabelece-se todo um código de condutas que persegue o trabalhador em todos os espaços de sociabilidade, do trabalho ao lazer.”¹⁴²

3.6 COTIDIANO DAS MULHERES NA VILA

O trabalho na mineração envolvia toda a família, cada qual desempenhava seu papel. O papel atribuído às mulheres era de donas de casas, responsáveis pela educação dos filhos e manutenção do lar. A mineração fazia-se presente no seu dia a dia, seja para acordar cedo e fazer o café para seu marido levar para o serviço, preparar o almoço. Além das tarefas domésticas lhe atribuídas, as mulheres desenvolviam atividades para proporcionar um dinheiro extra na renda da familiar. Encontravam tempo para costurar, bordar, lavar roupa pra fora, cuidar do quintal.

O casamento apresenta para esses homens e mulheres a construção de suas famílias. Carregavam valores que lhe haviam sido atribuídos:

Devem ser os homens educados de modo que se tornem plenamente aptos para a responsabilidade do chefe de família. Às mulheres será dada uma educação que as torne aperfeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes da administração da casa.¹⁴³

Ao começarem sua vida de casados, a mulher abria mão de trabalhar fora, sua vida girava agora em tarefas domésticas: lavar, cozinhar, cuidar dos filhos, da roupa e comida do marido estar sempre pronto. Era de responsabilidade feminina “comprar e preparam os alimentos, enquanto que aos homens cabiam ‘comer bem’ para suportar os trabalhos nas minas.”¹⁴⁴ Todas as entrevistas realizadas com homens e mulheres, a elas era atribuído o papel de donas de casa, e cuidar dos filhos ao homens coube o papel de provedor do lar. Os maridos não permitiam que suas esposas trabalhassem fora, enquanto tinham filhos pequenos, “eu não

¹⁴¹PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz**

¹⁴²RAGO, 1985, op. cit., p. 34.

¹⁴³SCOTT, Ana Silva. **O caleidoscópio dos Arranjos Familiares**. BASSANEZI, Carla; PEDRO, Maria Joana (org). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 20.

¹⁴⁴CAROLA, 2002, op. cit., p. 134.

trabalhava fora porque meu marido dizia- “tu não trabalha fora enquanto tiver as crianças. Ele não queria que eu trabalhasse, ele queria que eu criasse as crianças, ele dizia: a mulher primeira tem que criar os filhos para depois trabalhar.”¹⁴⁵ Dona Maria Izidia também se dedicou a criação dos filhos, “quando casei até parei de trabalhar, porque ai engravidei e fui cuidar dos filhos, até que tinha os filhos pequenos não trabalhei, me cuidava para não engravidar mais, quando via já estava de novo(risos).”¹⁴⁶ Cabia a mulher, “enquanto mãe e educadora servir de exemplo aos filhos.”¹⁴⁷ A dona de casa, “está investida de todos os tipos de função. Primeiramente, dar a luz e criar os filhos são figuras familiares que leva consigo e a partir do momento em que sabem andar acompanha- na em toda por parte.”¹⁴⁸ Seu Aderbal João Pereira nos contou, “a minha mulher ali não foi preciso trabalhar porque eu dei conta do recado, aquela vez eu dava conta do recado sustentava ela e os filhos né.”¹⁴⁹ Eles nos conta com orgulho, pois “o homem por sua vez, deveria de ser o único provedor da família.”¹⁵⁰ A sociedade estabeleceu para as mulheres o papel de donas de casas e aos homens o chefe da família.

No geral, o número de filhos das famílias era em torno de três a cinco. Além de dona de casa, elas se esforçavam o máximo possível para ajudar na renda familiar, “ela se esforça em trazer a família, unidades econômicas fundamental na vida popular, recursos monetários.”¹⁵¹ A primeira forma da esposa contribuir com as despesas domésticas era economizar, poupar, criar estratégias para garantir a alimento diário, Dona Maria Izidia nos relata:

Nois tinha que fazer as coisas tudo poupadinho, contadinho (risos) não tinha não essa esbanjação que tem hoje. Pensa que era como hoje que a gente vai ao mercado todo final de semana, credo! Tinha vezes que eu chorava, que às vezes as criança queriam uma bolachinha e não podia comprar, teve tempo que passei dificuldade.¹⁵²

Outra maneira de contribuir com as despesas domésticas era a prestação de serviço tais como: lavar roupa para fora, bordar, “eram atividades que

¹⁴⁵SMIELESKI, Dorizalda Roqui. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁴⁶SILVA, Maria Izidia da. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁴⁷RAGO, 1985, op. cit., p. 97.

¹⁴⁸PERROT, 1992, op. cit., p. 214.

¹⁴⁹PEREIRA, Aderbal João. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁵⁰SCOTT, Ana Silva. **O caleidoscópio dos Arranjos Familiares.** BASSANEZI, Carla; Pedro, Maria Joana (org). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p. 20.

¹⁵¹PERROT, 1992, op. cit., p. 214.

¹⁵²SILVA, Maria Izidia da. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

representavam a possibilidade de ganhos para as mulheres pobres.”¹⁵³ Aplicavam ainda seu dinheirinho com roupas para seus filhos ou algo que as crianças precisavam. Ele trabalhava na mina, “e eu bordava para fora [...] o enxoval das minhas amigas eu bordava, toda a noite, tudo á mão e de máquina. Minhas amigas de Estação Cocal eu bordei tudo.”¹⁵⁴ Dona Maria Izidia nos relata que:

Quando casei até parei de trabalhar, porque ai engravidei e fui cuidar dos filhos, até que tinha os filhos pequenos não trabalhei, quer dizer depois do Josué quando ele tava com três aninhos eu comecei a lavar roupa para fora que era para a dona Edinha a mulher de seu Tarcísio, lavava roupa em casa, tudo esfregadinho na mão com a escovinha, as calças jeans, olha que era força de roupa, ela tinha cinco filhos que morava com ela ainda fora a Paula que tinha ganhado a Paulinha. Eu lavava roupa duas vezes por semana, com o dinheiro que recebia colocava tudo em casa, comprava roupinha, calçado para os filhos.¹⁵⁵

Para algumas mulheres o trabalhar era restringido ao ‘lar’, dedicação ao marido, filhos e manter a manutenção da casa, doando-se de corpo e alma. Há também aquelas que devido a necessidade familiar, desdobravam-se em outras atividades, visando contribuir para a sobrevivência da sua família.

¹⁵³CAROLA, 2002, op. cit., p.120.

¹⁵⁴SMIELESKI, Dorizalda Roqui. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

¹⁵⁵SILVA, Maria Izidia da. Entrevista citada, 2014. **Concedida a Sandra Mara da Cruz.**

4 CONCLUSÃO

Muitos trabalhos já foram escritos a respeito da fluorita em Morro da Fumaça em sua maioria falando da questão geologia, geoquímica. Nossa pesquisa, com um olhar mais sensível, inspirada pela nova história, buscou no cotidiano as experiências dos trabalhadores das minas e das mulheres que viviam na vila e estavam envolvidas com as questões familiares. Sujeitos que contribuíram para a construção dessa comunidade, onde todos possuíam atribuições, as quais possibilitaram reviver o passado e reescrever essa história esquecida e invisível para muitos.

Percebe-se que no cotidiano da família mineira as minas se faziam presentes nas mais diversas práticas sociais e as relações de dependência ultrapassavam o trabalho na mineração. As empresas foram criando estratégias para manter e atrair funcionários, como vimos anteriormente as táticas estabelecidas as quais eram vistas como benefícios aos funcionários. Toda família podiam compartilhar e usufruir, da água encanada na comunidade. O vale alimentação, material escolar para os filhos, no campo de futebol que era a paixão dos mineiros reunia toda comunidade para acompanhar os jogos, também era momento de paquera ou simplesmente reunir toda a família para torcer, podemos dizer que era o momento mais esperado da semana toda.

A empresa ainda cedia casas para alguns funcionários e era no bairro, onde as relações eram estabelecidas. Ter um bom convívio com a vizinhança fazia-se necessário, pois cada vez que precisasse pedir algo aos vizinhos, as vezes geravam alguns conflitos, os quais eram temporários.

As mulheres como podemos ver coube atividades domésticas e educações dos filhos lhe foram atribuídas. Além de atividades relacionadas a alimentação dos filhos, da família e a organização da casa, contribuía com o controle das despesas domésticas por meio dos serviços prestados e da economia realizada.

Procurou-se emergir uma história que estava submersa nos subterrâneos da memória. Isso por quê:

[...] O historiador cria condições para a percepção do real como construção, com 'inversão' de seres humanos concretos em processo de interação e luta entre si. Em outras palavras, a história nos instiga a pensar o social –

passado, presente e futuro- como processo tecido na contradição e na luta, e não como 'anestesia', como mesmice, isto é, como ponto de chegada necessário de um caminhar.¹⁵⁶

A presente pesquisa buscou valorizar a memória configurando o cotidiano da Vila Operária Mina Fluorita. E nesse sentido a história oral, passou a ser um significativo meio de valorização dos grupos marginalizados pela sociedade, e ampliar a vida dos sujeitos excluídos da história tradicional para percebê-los como sujeitos de sua própria história.

Esse trabalho só foi possível através dos relatos dos entrevistados que abriam a porta de suas casas e compartilharam de suas vivências, enriquecendo esse trabalho, o qual não utilizou de todos os materiais pesquisados que permitem uma abordagem mais profunda do tema.

¹⁵⁶ CHALHOUB, Sidney apud ZANELATTO, João Henrique, op. cit., p. 171.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BEVILACQUA, Clovis Tadeu. **Perfil analítico da fluorita**. Rio de Janeiro: DNPM, 1973.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 - 1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998 - 2001.
- COSTA, Marli de Oliveira. **“Artes de viver” reciclando e reinventando espaços - memória das famílias mineiras próspera Criciúma (1943-1961)**. 1999, 206 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FILHO, Alcides Goularti. (org) **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 Ed. Campinas, SP: Unicamp.
- LIBERATORE, Giacomo; BICCA, Victor Hugo Froner. **Fluorita em Santa Catarina**. Florianópolis: DNPM, 1988.
- MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga, SC: Câmara Municipal.
- OSTETTO, Lucy Cristina. **Nova Veneza na primeira metade do século XX: quadros de memória retratos de família**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz Paulo, 1992.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 - 1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.
- SAVI, Clóvis Noberto. **Caracterização e aproveitamento do rejeito final da flotação de fluorita na localidade de segunda linha Torrens município de Morro da Fumaça/SC**. 2004. Dissertação (Mestrado).
- SCOTT, Ana Silva. **O Caleidoscópio dos Arranjos Familiares**. BASSANEZI, Carla;

PEDRO, Maria Joana (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; MACIEL, Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2009.

THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado: história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIANNA, Maria Neusa Nunes. **Distúrbios ocasionados no organismo humano por ingestão de água com excesso de flúor, devido à presença de fluorita no subsolo do município de Cocal do Sul - Santa Catarina**. Criciúma, SC: FUCRI/UNESC, 1996.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana: os minérios de Criciúma**. Florianópolis: UFSC, Assembleia Legislativa, 1984.

ZACCARON, Agenir Donato et al. **Estação Cocal: 100 anos de história**. Morro da Fumaça, SC: Ed. do autor, 2004.

ZANELATTO, João Henrique. **Homens do Barro: trabalho e sobrevivência na cerâmica vermelha**. São Paulo: Baraúna, 2011.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril cultural, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 1999.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

ALEXANDRE, Pedro Francisco. Depoimento [jul. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (36 min).

BORGES, Ariano. Depoimento [ago. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, mp3(20) e vídeo (60 min).

CAMARGO, Vercenei Luiz. Depoimento [set. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (20 min).

COSTA, Maria Salete. Depoimento [jun. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (40 min).

COSTA, Valdir. Depoimento [set. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (34 min).

FABRO, Enivaldo João. Depoimento [jun. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo vídeo (20 min).

FREITAS, Valmir de Jesus. Depoimento [ago. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara. 1 arquivo, vídeo (15 min).

MARAGNO, Maria Pelegrim. Depoimento [maio 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista cedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, video (33 min).

NUNES, Pedro. Depoimento [jun. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (15 min).

PEREIRA, Aderbal João. Depoimento [ago. 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (37 min).

SILVA, Maria Izidia. Depoimento [maio 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da cruz. 1 arquivo, vídeo (60 min).

SMIELESKI, Roqui Dorizalda. Depoimento [maio 2014]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida a Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo vídeo (36 min).

SOUZA, João José. Depoimento [nov. 2013]. Morro da Fumaça. Entrevista concedida Sandra Mara da Cruz. 1 arquivo, vídeo (30 min).